

Sobre Alguns Saberes Direcionados à Educação do Futuro

Leonardo Araújo Oliveira¹

Resenha do livro

MORIN, Edgard. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

Resumo

O presente texto consiste em um comentário da obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, de autoria de Edgar Morin. Busca-se expor o conteúdo temático envolvido em cada saber. Paralela e subsequente a essa exposição, evidencia-se o diálogo do autor com a história das ideias, bem como os limites do seu texto.

Palavras-chave: Educação; Morin; Futuro.

Edgar Morin, nascido em 1921, em Paris, é um autor de múltipla formação, cuja produção intelectual participa das mais diferentes áreas, como sociologia, filosofia, educação, cinema, geografia e antropologia, o que delineia, em grau relevante, a posição de grande representante do que se denomina, hodiernamente, de pensamento complexo. A pedido da UNESCO, Morin escreveu, em 1999, um conjunto de reflexões que pudessem atuar como ponto de apoio da reconfiguração da educação no século XXI, e reuniu-as na obra intitulada *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, que se divide, como indicado no título, em sete capítulos, a saber: As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; Os princípios do conhecimento pertinente; Ensinar a condição humana; Ensinar a

¹ Discente do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista de iniciação científica por essa mesma universidade. E-mail: leovash5@gmail.com

identidade terrena; Enfrentar as incertezas; Ensinar a compreensão; A ética do gênero humano.

Morin crê ser imprescindível para qualquer reflexão sobre a educação a pergunta pelo conhecimento. Questionando sobre o que significar conhecer, Morin põe em relevo dois componentes intrínsecos a toda produção de conhecimento: o erro e a ilusão. Todo conhecimento se liga a esse tipo de risco: “A educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão” (MORIN, 2000, p.19). Existem erros ligados a percepção e os sentidos, e os erros intelectuais (embora Morin procure evitar esse tipo de dicotomia) que são, basicamente em três níveis.

Num nível mental, a possibilidade do erro diz respeito à estrutura de nossa mente, toma-se como exemplo a corrente ideia da impossibilidade de distinguir sonho e vigília, realidade e alucinação. Para Morin, no entanto, o que pode corrigir o erro é a racionalidade, que se transformada em racionalização, fortalece o risco do erro, ao superestimar o poder do intelecto. Assumindo os limites da razão, que não atuam separados dos afetos, pode-se reconhecer os erros de nível teórico, uma vez que todo sistema de ideias é passível de questionamento e discussão. É preciso, desse modo, que a racionalidade se atente para o perigo da ilusão racionalizadora, procurando não perder o senso de auto-avaliação e autocrítica; para tanto, é necessário partir de um princípio de incerteza racional. Esse princípio abre a possibilidade para o inesperado. Se abandonarmos o conforto da teorização estatutária, detectaremos o “novo”, que não cessa de aparecer, tornando-nos capazes de revermos nosso conhecimento e colocarmos-lo em constante movimento e renovação.

No segundo capítulo, Morin evidencia sua postura teórica ligada ao pensamento complexo, defendendo que o conhecimento pertinente implica a oposição a fragmentação do saber, ou seja, constitui uma busca da interconexão entre os saberes, mostrando que, ao contrário da hierarquia e da divisão cartesiana, que faz com que estudantes tomem cada saber como abstratamente separado um do outro, o conhecimento pertinente possui um caráter de devir, interdisciplinaridade, totalidade, complexidade e não se permite ser fechado em cada área como se essas fossem caixas pretas. As informações não possuem sentido se não são contextualizadas.

A crítica ao dualismo e à fragmentação se estende no terceiro capítulo, onde se pensa a condição humana como múltipla – e é isso que a educação do futuro deve por em evidência. Contudo, esse múltiplo remete a uma unidade, a uma amplitude essencial que

não se fixa em rasas dicotomias: “O humano é um ser a um só tempo plenamente biológico e plenamente cultural, que traz em si a unidualidade originária” (MORIN, 2000, p.52). A educação do futuro deve tomar o ser humano como grande campo de investigação, tendo como base o princípio de interdependência entre unidade e diversidade. Nessa perspectiva, o homem não pode ser definido somente como *homo sapiens*, mas também como *homo demiens*. Se o homem é sempre racional, para não cairmos na racionalização, é preciso admitir que no homem também subsiste sempre certa demência, certa loucura.

Pensar o homem em sua complexidade implica em situá-lo no cosmos. Sua situação implica a identidade terrena, e, por conseguinte, sua sustentabilidade. Nesse contexto, Morin enxerga como ponto positivo no século XX uma série de contracorrentes, que se configura como uma herança de nascimento, em oposição a uma herança de morte presente no mesmo século, representada, sobretudo, pelas guerras e pela ameaça nuclear. Dessas contracorrentes, destacam-se: a ecológica; a qualitativa, oposta ao domínio do quantitativo; a poética, de resistência ao utilitarismo; a que resiste ao consumismo; a que se opõe a tirania do dinheiro; e a da ética e cultura de paz.

O princípio da incerteza, anunciado no primeiro capítulo, famigerado na física de Heisenberg, precisa ser estendido a toda a educação. A proposta de Morin, no quinto capítulo, é o de uma preparação para o enfrentamento das incertezas; para tanto, é preciso abandonar as doutrinas deterministas, que omitem as dificuldades do devir e da imprevisibilidade, bem como levar em consideração os exemplos de incerteza que a história da ciência oferece.

No sexto capítulo, Morin ressalta o ensino da compreensão, afirmando que esta é o fim e o meio da comunicação entre humanos, sendo assim, “uma das finalidades da educação do futuro” (MORIN, 2000, p.93). O paradoxo de nosso tempo consiste no fato de que a incompreensão predomina em um mundo cada vez mais repleto de meios de comunicação. Morin distingue dois tipos de compreensão: a compreensão intelectual e a compreensão humana. A compreensão humana vai além da intelectual, uma vez que, enquanto aquela se caracteriza pela objetividade, inteligibilidade e explicação, esta, no seio da intersubjetividade, exige empatia, abertura, solidariedade, de modo que o outro não seja apreendido apenas como objeto, mas também e principalmente como sujeito.

Uma educação para a compreensão exige considerar seus obstáculos: o ruído de comunicação; a polissemia de alguns termos; a ignorância dos costumes, dos valores e da visão de mundo do outro; a incompatibilidade entre estruturas mentais. Os obstáculos

também se expressam na forma da indiferença, do egocentrismo, do etnocentrismo e do sociocentrismo. Em resposta a esses problemas e em consonância com a educação da compreensão, Morin propõe uma ética da compreensão.

Para o pensador francês, a ética não pode ser apreendida por meio de lições de moral, se dá na compreensão que o indivíduo tem de seu pertencimento a uma espécie e a uma sociedade. Destarte, o autor foca, no sétimo capítulo, em uma ética do gênero humano. Exigi-se assim, uma antropo-ética, que é minimizada nas éticas típicas de cada cultura, mas preservada nas religiões e filosofias universalistas, como em Kant e seu imperativo categórico. Para dar conta dessa relação entre indivíduo e espécie, faz-se necessário ter em consideração a noção de “comunidade de destino planetário”. Diante da ameaça de destruição da humanidade, o imperativo atual é o de sua salvação, por meio de sua realização.

É marcante a maneira de Morin encerrar o livro, ausentando-se da pretensão de indicar uma bibliografia, sobretudo pela amplitude do tema. No entanto, oferece o leitor a opinião própria acerca de leituras. Podemos assim, enquanto leitores, ressaltar que o diálogo de Morin, embora amplo, se dá, em maior grau, com autores da tradição filosófica, como Platão, Descartes, Pascal, Kant, Hegel, Marx. Contudo, o autor não se aprofunda filosoficamente nos temas abordados. O problema do primeiro capítulo, por exemplo, envolvendo a teoria do conhecimento, acerca do erro e da ilusão, é uma questão que perpassa toda a história da filosofia, se destacando nas teorias de alguns nomes citados como Platão, no *Teeteto*, Descartes, no *Discurso do método* e nas *Meditações metafísicas*, Kant, na *Crítica da razão pura*, mas também em autores como Spinoza, no *Tratado da correção do intelecto*, e Deleuze, em *Diferença e repetição*. Um texto mais diretivo para a questão é o *Sobre o erro*, de Victor Brochard. Reflexões aprofundadas sobre a educação não podem prescindir da pergunta pela natureza do conhecer e do conhecimento.

Conectado ao problema do erro, está o da comunicação, tendo em vista, também, que o autor menciona o problema dos ruídos de comunicação nas teorias atuais. Embora não explicita, Morin, sobretudo com sua ideia de comunicação humana (além da comunicação intelectual) parece discordar de algumas perspectivas pós-estruturalistas – embora não as enfrente diretamente –, que postulam a impossibilidade ou a improbabilidade da comunicação efetiva, ou que não apenas levam em consideração o ruído na comunicação, mas que consideram que a comunicação se faz, necessariamente, como ruído. São teorias que atuam como eco de problemas levantados no século anterior

por Nietzsche, que chegou a pensar o conhecimento como erro. Também no contexto do diálogo com formulações teóricas contemporâneas, Lyotard, com preocupações diversas das de Morin, anunciava a falência do modelo moderno de educação, sobretudo no ideal humboldtiano de universidade, baseado nas especialidades e divisões específicas de cada saber, reguladas por um sistema especulativo, que remete à imagem cartesiana da produção de conhecimento.

A obra de Morin realiza menos um aprofundamento das questões que o autor julga como essenciais para se pensar a educação do futuro, do que apresenta um panorama dessas questões. Fixa, sobretudo, na interconexão, em vários níveis, isto é, na conexão entre os diferentes saberes, entre as diversas disciplinas, entre categorias do pensamento comumente tomadas como opostas, sem ignorar, contudo, alguns momentos de atrito e tensão dessas relações, mas sem maiores aprofundamentos. A ausência de aprofundamento torna o texto vulnerável a avaliações negativas, reforçadas pela ausência de uma compensação qualquer, isto é, se é sentida a falta de maior investigação dos temas, não se pode levar em consideração elementos de contrapeso, ausentes do texto de Morin, tais como: a presença de uma sagacidade prática criativa, de um estilo virtuoso na escrita, apresentação de novas ideias ou um trabalho conceitual renovador e inventivo.